



1290000589



TCC/UNICAMP M588e



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA**

**MONOGRAFIA: A ECONOMIA COREANA NOS ANOS NOVENTA: CRISE
CONJUNTURAL OU MUDANÇA DE PARADIGMA?**

KATY SATIE MIGIYAMA

**TRABALHO ORIENTADO PELO
PROF. DR. OTAVIANO CANUTO**

CAMPINAS - 1998 ✓

**TCC/UNICAMP
M588e
IE/589**

EDOC/IE

*À minha família,
à minha amiga
Leila, ao meu
orientador e à
Dona Cida.*

AGRADECIMENTOS

*Agradeço à minha família pela compreensão e pelo estímulo,
Agradeço ao meu orientador pela Paciência,
Agradeço ao Clésio pelo apoio,
Agradeço aos meus amigos pelo apoio nas horas difíceis e pela alegria na torcida,
Agradeço à vovó Cida pela fé.*

INTRODUÇÃO	1
1- PRIMEIRO CAPÍTULO: O ÊXITO COREANO.	4
Tabela 1 - Dados Econômicos (%)	4
Tabela 2 - Contas Nacionais	5
Tabela 3 - Investimento na Coreia (US\$ mi)	6
Tabela 4 - Comércio Internacional (US\$ mi)	6
Tabela 5 - Balanço de Pagamentos	7
Tabela 6 - Renda (%)	7
Tabela 7 - Emprego e Desemprego (%)	8
Tabela 8 - Inflação (%)	9
2 - SEGUNDO CAPÍTULO: A INDUSTRIALIZAÇÃO.	14
3 - TERCEIRO CAPÍTULO: MUDANÇA DE PARADIGMA?	23
BIBLIOGRAFIA	29

INTRODUÇÃO

A Coréia do Sul foi considerada na década de oitenta como um exemplo a ser seguido pelo seu padrão de crescimento vitorioso. E, não à toa, foi considerada como um dos quatro “Tigres Asiáticos”, com saltos de desenvolvimento a taxas de crescimento do PIB em torno de 8% ao ano. Taxas crescentes num ritmo acelerado bem como outros dados estatísticos econômicos serão apresentados no primeiro capítulo.

A Escola Desenvolvimentista atribui ao crescimento, questões de ordem política e conjunturais favoráveis como a proximidade geográfica com o Japão, o papel direcionador e organizador do Estado e à centralização financeira. Esses elementos combinados fizeram com que um caminho fosse desenhado para que a economia coreana pudesse crescer apoiada no seu forte empenho exportador. No capítulo 2, serão apresentadas de maneira clara como foram articulados esses elementos. Como primeira interpretação, apresentar-se-á uma explicação, de modo geral, do milagre asiático para depois, em seguida, serem apresentados pontos fortes de interpretações de diferentes autores acerca do paradigma coreano.

Como se viu no decorrer do último ano, a economia coreana dá sinais de estresse, com queda do crescimento econômico e perda de dinamismo nas exportações. Por ter sua economia amparada no empenho exportador, parecia à todos que estava bem integrada globalmente, mas enfrenta, no momento, desajustes cuja correção, como em outras economias menos globalizadas ou até mesmo com pior performance exportadora, é operacionalmente difícil.

Em Dezembro de 1997, a Coréia do Sul entrou numa severa crise financeira, as reservas externas decresceram à um nível inadequado para honrar obrigações de curto prazo e os enormes conglomerados (chaebols) estavam na iminência de falirem. Há necessidades das reformas estruturais e principalmente financeiras (visto que a Coréia entrou para a OCDE no ano de 1996, e uma das exigências da Organização é justamente regulamentar o mercado financeiro).

Há alguns anos atrás, certos economistas já alertavam os riscos desse paradigma coreano. Segundo alguns, o próprio modelo de desenvolvimento coreano

colocou o país em novo patamar de exigências sociais devido à tendência crescente do nível de renda e dos níveis salariais.

No capítulo 3, será discutida a crise pela qual não somente a Coreia do Sul enfrenta mas como grande parte dos países da região. É dada especial atenção ao caso coreano em virtude das particularidades de seu paradigma. A direção de sua crise denota grande preocupação por parte deste trabalho pois como dito acima, foi considerado por muito tempo como um paradigma vitorioso a ser seguido.

1- PRIMEIRO CAPÍTULO: O ÊXITO COREANO.

Neste primeiro capítulo, será apresentado o conjunto de dados estatísticos acerca do paradigma vitorioso da Coreia do Sul.

Tabela 1 - Dados Econômicos (%)

	1975-82	1983-89	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
China										
Real Sector										
Real GDP growth	6.0	10.7	3.8	9.2	14.2	13.5	12.6	10.5	9.6	8.8
Inflation	2.1	9.0	2.1	2.7	5.4	13.0	21.7	14.8	6.1	1.5
Domestic saving	39.3	35.2	38.1	38.3	37.7	40.6	42.6	41.0	42.9	40.8
Fixed capital formation	21.3	29.5	25.5	27.5	31.2	37.5	36.0	34.7	35.6	35.8
Public sector										
General government balance	-1.0	-1.7	-2.0	-2.2	-2.3	-2.0	-1.6	-1.7	-1.5	-1.5
Public sector balance
Monetary sector										
M2growth	22.3	26.1	28.9	26.7	30.8	42.8	35.1	29.5	25.3	...
Domestic credit growth	18.8	17.0	23.6	20.0	22.3	42.1	23.8	22.9	25.3	...
Foreingliabilities of banks	3.4	3.3	3.5	4.6	4.0	5.4	7.1	6.4	5.6	...
External sector										
Current account balance	0.7	-1.0	3.4	3.5	1.5	-2.7	1.4	0.2	0.9	2.5
External debt service	0.4	1.0	1.7	1.7	2.3	2.5	2.4	2.2	2.0	1.9
Japão	1975-82	1983-89	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
Real Sector										
Real GDP growth	3.9	4.1	5.1	3.8	1.0	0.3	0.6	1.5	3.9	1.0
Inflation	6.6	1.4	3.1	3.3	1.7	1.2	0.7	-0.1	0.1	1.7
Domestic saving	31.9	31.9	33.5	34.2	33.8	32.8	31.4	30.7	31.3	30.8
Fixed capital formation	30.9	28.4	31.7	31.4	30.5	29.5	28.6	28.5	29.7	28.4
Public sector										
General government balance	-4.0	-0.4	2.9	2.9	1.5	-1.6	-2.3	-3.7	-4.1	-2.9
Public sector balance
Monetary sector										
M2growth	10.7	9.2	8.2	2.5	-0.1	2.2	3.1	2.8	2.3	...
Domestic credit growth	10.6	11.4	9.2	2.9	2.9	0.8	-0.4	1.8	1.4	...
Foreingliabilities of banks	17.2	18.3	19.4	15.3	12.4	11.0	9.7	10.0	10.6	...
External sector										
Current account balance	0.4	3.0	1.5	2.0	3.0	3.1	2.8	2.2	1.4	2.2
External debt service

<i>Korea</i>	1975-82	1983-89	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
Real Sector										
Real GDP growth	7.0	9.6	9.5	9.1	5.1	5.8	8.6	8.9	7.1	6.0
Inflation	17.6	3.8	8.6	9.3	6.2	4.8	6.3	4.5	4.9	4.3
Domestic saving	25.7	32.7	36.1	35.9	35.1	35.2	34.6	35.1	33.3	32.9
Fixed capital formation	29.4	29.4	37.1	38.4	36.6	36.0	35.7	36.6	36.8	36.6
Public sector										
General government balance	-2.7	-0.3	-0.6	-1.6	-2.6	-1.0	1.0
Public sector balance
Monetary sector										
M2growth	30.0	16.8	17.2	21.9	14.9	16.6	18.7	15.6	15.8	...
Domestic credit growth	11.6	22.8	24.8	22.4	11.7	12.7	18.4	14.7	19.4	...
Foreingliabilities of banks	9.4	7.3	6.5	7.7	7.6	6.9	8.0	10.1	12.8	...
External sector										
Current account balance	-4.6	2.5	-0.9	-3.0	-1.5	0.1	-1.2	-2.0	-4.9	-2.9
External debt service
<i>Thailand</i>	1975-82	1983-89	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
Real Sector										
Real GDP growth	7.0	8.1	11.6	8.1	8.2	8.5	8.9	8.7	6.4	0.6
Inflation	9.0	3.1	6.0	5.7	4.1	3.4	5.1	5.8	5.9	6.0
Domestic saving	19.6	25.4	32.6	35.2	34.3	34.9	34.9	34.3	33.1	31.8
Fixed capital formation	23.6	27.7	40.2	41.6	39.2	39.4	39.9	41.8	40.8	35.8
Public sector										
General government balance	-5.8	-3.0	4.4	4.2	2.6	2.1	2.0	2.6	1.6	-0.4
Public sector balance	4.0	1.6	0.9	1.8	2.5	2.2	1.9
Monetary sector										
M2growth	19.3	18.8	26.7	19.8	15.6	18.4	12.9	17.0	12.6	...
Domestic credit growth	15.6	19.8	26.8	15.5	18.0	22.7	28.9	23.1	14.0	...
Foreingliabilities of banks	5.8	6.3	6.4	6.0	6.9	11.7	20.3	24.3	23.3	...
External sector										
Current account balance	-5.6	-3.2	-8.3	-7.7	-5.6	-5.0	-5.6	-8.0	-7.9	-3.9
External debt service	3.8	5.8	3.8	4.0	4.3	4.4	4.8	5.0	5.4	7.1

Tabela 2 - Contas Nacionais

	Unit	1985	1990	1994	1995	1996
Gross national product	billion	91.1	251.8	378.0	451.7	480.0
Per capita GNP	\$	2,242	5,883	8,508	10,076	10,548
Gross domestic product	billion	94.3	253.6	380.7	455.6	484.6
Composition of GDP by economic activity						
Agriculture	%	12.5	8.7	7.0	6.6	6.8
Mining	%	1.2	0.5	0.4	0.3	0.3
Manufacturing	%	29.3	29.2	26.8	26.9	28.8

	Unit	1985	1990	1994	1995	1996
Electricity	%	3.0	2.2	2.3	2.2	2.4
Construction	%	7.6	11.5	13.5	14.1	15.0
Services	%	46.4	47.9	49.9	49.9	53.9
Structure of industry	%					
Light industries	%	42.5	34.1	27.1	23.9	25.5
Heavy and chemical industries	%	58.5	65.9	72.9	76.1	84.1
Gross fixed capital formation	billion	26.9	94.0	136.1	166.9	178.7
construction	%	56.3	59.5	63.6	64.0	68.0
Equipment	%	43.7	40.5	36.4	36.0	38.9
Real GDP growth rate	%	6.5	9.5	8.6	9.0	7.1
manufacturing	%	6.2	9.7	10.4	10.7	(7.4)
Gross domestic investment ratio	%	30.3	37.1	36.2	37.5	38.6
Gross saving ratio	%	29.8	35.9	35.4	36.2	34.6

Tabela 3 - Investimento na Coréia (US\$ mi)

Year	Number	Total Foreign Investment		U.S. Investment in Korea	
		Amount	Increase	Amount	Increase
87-88	725	2,347	32.8	197	534 (22.8)
89	349	1,090	-53.5	96	319 (29.3)
90	306	803	-26.4	84	317 (39.5)
91	296	1,396	73.9	86	296 (21.2)
92	236	894	-35.9	70	379 (42.4)
93	278	1,044	16.7	68	341 (32.7)
94	424	1,317	26.1	115	311 (23.6)
95	578	1,941	47.5	161	645 (33.2)
96	613	3,203	65.0	167	876 (27.3)
97	664	6,970	117.6	3,189	264(45.7)

Tabela 4 - Comércio Internacional (US\$ mi)

Year	Trade Volume	Export	Import	Trade Balance	Year-to-Year Change
1986	19,084 (19.5)	6,355 (6.7)	12,729 (27.1)	-6,374	-2,317
1987	25,086 (31.4)	8,099 (27.4)	16,987 (33.5)	-8,888	-2,514
1988	31,478 (25.5)	11,289 (39.4)	20,189 (18.8)	-8,900	-12
1988	33,220 (5.5)	13,478 (19.4)	19,742 (-2.2)	-6,274	2,626
1989	32,892 (-1.0)	14,399 (6.8)	18,493 (-6.3)	-4,095	2,179
1990	32,543 (-1.1)	15,518(7.8)	17,025 (-7.9)	-1,507	2,588
1991	31,321 (-3.8)	14,639 (-5.7)	16,682 (-2.0)	-2,043	-544
1992	31,899 (1.8)	14,776 (1.0)	17,123 (2.6)	-2,347	-304
1993	37,685 (18.1)	18,028 (22.0)	19,657 (14.8)	-1,629	718
1994	49,564 (31.5)	25,380 (40.8)	24,184 (23.0)	1,196	2,825

Year	Trade Volume	Export	Import	Trade Balance	Year-to-Year Change
1995	49,250 (-0.6)	26,583 (4.7)	22,667 (-6.3)	3,916	2,720
1996	48,226 (-2.1)	25,067 (-5.7)	23,159 (2.2)	1,908	-2,008

Tabela 5 - Balanço de Pagamentos

	Unit	1988	1990	1994	1995	1996	1997
Current balance	million \$	14,161	-2,179	-4,531	-8,817	-23,716	-8,618
Trade balance	million \$	11,445	-2,004	-3,145	-4,749	-15,306	-3,874
Invisible trade balance	million \$	1,267	-451	-1,989	-3,512	-7,644.5	
Unrequited transfers	million \$	1,448	275	604	-556	-765,3	
Long-term capital balance	million \$	-2,733	548	5,862	7,903	11,797	
Basic balance	million \$	11,428	-1,632	1,331	-1,120	-11,918	
Investment from abroad	million \$	1,284	803	1,317	1,941	3,203	6,971
(approval basis)							
U.S.A	(%)	(22.2)	(39.6)	(23.6)	(33.2)	(27.3)	(45.8)
Japan	(%)	(54.2)	(29.4)	(32.5)	(21.5)		
Germany	(%)	(5.8)	(7.8)	(4.6)	(2.3)		
Overseas direct investment							
Total investment	million \$	224	959	2,331	3,058	4,219	2,953
South-east Asia	(%)	(18.9)	(31.3)	(46.2)	(53.6)	(10)	(17.8)
North America	(%)	(44.4)	(45.3)	(24.6)	(17.9)	(37.5)	(17.5)
Europe	(%)	(8.6)	(9.9)	(19.6)	(20.0)	(15.6)	(14.7)
Acumulation	million \$	1,130	2,336	7,494	10,224		
Foreign exchange holdings	million \$	12,340	14,459	25,032	31,928	32,401	
Foreign exchange rate							
U.S.A. (per U.S.\$)	won	684.1	716.4	788.7	774.7	844.2	1,680.0
Japan (per 100 yen)	won	547.7	532.4	790.7	745.6		1,268
Germany (per DM)	won	386.7	479.4	509.0	538.9		922.17
France (per F.Fr)	won	112.9	140.7	147.8	157.9		

Tabela 6 - Renda (%)

	1979-88	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
World	3.4	3.8	2.6	1.8	2.7	2.6	3.9	3.6	4.0	4.1
Advanced economies	2.9	3.7	2.7	1.2	1.9	1.2	3.2	2.5	2.7	3.0
major industrial countries	2.8	3.5	2.4	0.8	1.8	1.0	2.8	2.0	2.5	2.8
United States	2.7	3.4	1.2	-0.9	2.7	2.3	3.5	2.0	2.8	3.8
Japan	3.8	4.8	5.1	3.8	1.0	0.3	0.6	1.5	3.9	1.0
Germany	1.8	3.6	5.7	5.0	2.2	-1.2	2.7	1.8	1.4	2.3
France	2.2	4.3	2.5	0.8	1.2	-1.3	2.8	2.1	1.5	2.3
Italy	2.7	2.9	2.2	1.1	0.6	-1.2	2.2	2.9	0.7	1.3

	1979-88	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
United Kingdom	2.5	2.2	0.4	-2.0	-0.5	2.1	4.3	2.7	2.3	3.5
Canada	3.2	2.4	-0.2	-1.8	0.8	2.2	4.1	2.3	1.5	3.7
Other advanced economies	3.5	4.6	4.0	2.9	2.5	2.0	4.5	4.3	3.7	3.9
Memorandum										
Industrial countries	2.7	3.6	2.5	0.8	1.7	0.9	2.9	2.2	2.5	2.8
European Union	2.3	3.5	3.0	1.6	1.0	-0.5	2.9	2.5	1.7	2.6
Developing countries	4.3	4.2	4.1	4.9	6.6	6.5	6.8	5.9	6.4	5.9
Regional Groups										
Africa	2.3	3.5	2.3	1.7	0.7	1.0	2.6	2.9	5.3	3.4
Asia	6.8	6.1	5.6	6.6	9.5	9.3	9.6	8.9	8.1	6.8
Middle East and Europe	2.3	2.8	5.6	3.5	6.5	3.9	0.7	3.5	4.6	4.1
Western Hemisphere	2.7	1.8	1.1	3.6	3.1	3.6	5.0	1.2	3.5	5.2

Tabela 7 - Emprego e Desemprego (%)

	1979-88	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
Growth in employment										
Advanced economies	1.2	2.0	1.6	0.1	-0.1	-0.1	1.0	1.1	1.0	1.3
Major industrial countries	1.1	1.8	1.5		-0.1		0.9	0.8	0.7	1.2
United States	1.8	2.0	1.3	-0.9	0.7	1.5	2.3	1.5	1.4	2.2
Japan	1.1	1.9	2.0	1.9	1.1	0.2	0.1	0.1	0.5	1.1
Germany	0.4	1.5	3.0	1.7	-1.9	-1.8	-0.7	-0.4	-1.2	-1.3
France		1.5	1.1	0.2	-0.6	-1.2	-0.1	1.1		0.2
Italy	0.4	0.1	1.4	1.4	-1.1	-4.1	-1.7	-0.5	0.4	0.2
United Kingdom	0.5	2.8	0.4	-3.1	-2.4	-0.8	0.8	0.9	1.2	1.6
Canada	2.2	2.1	0.6	-1.9	-0.6	1.4	2.1	1.6	1.3	1.8
Other advanced economies	1.2	2.5	2.0	0.7	-0.1	-0.5	1.4	2.1	1.7	1.4
Memorandum										
Industrial countries	1.1	1.9	1.5	-0.1	-0.3	-0.3	0.8	1.0	0.9	1.2
European Union	0.3	1.7	1.7	0.1	-1.6	-2.0	-0.3	0.6	0.5	0.5
Newly industrialized Asian economies	2.3	3.1	2.3	2.3	1.8	1.5	2.8	2.2	1.9	1.8
Unemployment rate										
Advanced economies	6.8	6.0	5.9	6.6	7.4	7.7	7.6	7.3	7.3	7.1
Major industrial countries	6.8	5.9	5.8	6.5	7.2	7.3	7.2	6.9	6.9	6.7
United States	7.3	5.3	5.6	6.9	7.5	6.9	6.1	5.6	5.4	5.0
Japan	2.5	2.3	2.1	2.1	2.2	2.5	2.9	3.1	3.3	3.4
Germany	6.6	6.8	6.2	5.5	7.7	8.8	9.6	9.4	10.3	11.5
France	8.7	9.4	8.9	9.4	10.3	11.6	12.3	11.6	12.4	12.6

	1979-88	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
Italy	9.3	12.0	11.0	10.9	10.7	10.2	11.3	12.0	12.1	12.2
United Kingdom	8.8	6.2	5.8	8.0	9.7	10.3	9.3	8.2	7.5	5.7
Canada	9.3	7.5	8.1	10.4	11.3	11.2	10.4	9.5	9.7	9.2
Other advanced economies	7.0	6.5	6.3	6.8	7.7	9.0	9.1	8.6	8.5	8.2
memorandum										
Industrial countries	7.1	6.3	6.2	6.9	7.8	8.2	8.1	7.7	7.7	7.5
European Union	8.7	8.7	8.1	8.6	9.9	11.2	11.6	11.2	11.4	11.1
Newly industrialized Asian economies	3.3	2.1	2.1	2.0	2.1	2.3	2.1	2.1	2.3	2.5

Tabela 8 - Inflação (%)

	1979-88	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
GDP deflator										
Advanced economies	6.6	4.4	4.5	4.5	3.4	2.8	2.2	2.3	2.0	1.7
Major industrial countries	5.7	4.0	4.1	4.1	3.0	2.5	1.8	2.1	1.8	1.6
United States	5.4	4.2	4.3	4.0	2.8	2.6	2.3	2.7	2.3	2.0
Japan	2.3	2.0	2.3	2.7	1.7	0.6	0.2	-0.6	-0.5	0.7
Germany	3.1	2.4	3.2	3.9	5.6	4.0	2.4	2.1	1.0	0.6
France	7.8	3.0	3.1	3.3	2.1	2.5	1.5	1.6	1.2	0.6
Italy	12.7	6.3	7.6	7.7	4.7	4.4	3.5	5.0	5.1	2.6
United Kingdom	8.2	7.1	6.4	6.5	4.6	3.2	1.6	2.4	3.0	2.5
Canada	6.2	4.8	3.1	2.9	1.2	1.1	0.7	1.5	1.3	1.0
Other advanced economies	10.9	6.3	6.4	6.3	4.8	4.1	3.5	3.5	2.9	2.2
Memorandum										
Industrial countries	6.0	4.3	4.3	4.3	3.2	2.6	2.0	2.2	1.9	1.6
European Union	7.8	4.9	5.3	5.5	4.5	3.7	2.6	2.9	2.4	1.6
Newly industrialized Asian economies	7.9	5.7	7.3	7.6	5.6	5.1	4.5	3.9	3.5	2.9
Consumer price										
Advanced economies	6.8	4.5	5.2	4.7	3.5	3.1	2.6	2.5	2.4	2.2
Major industrial countries	6.0	4.3	4.8	4.3	3.2	2.8	2.2	2.3	2.2	2.0
United States	6.1	4.8	5.4	4.2	3.0	3.0	2.6	2.8	2.9	2.4
Japan	2.7	2.3	3.1	3.3	1.7	1.2	0.7	-0.1	0.1	1.7
Germany	3.0	2.8	2.7	3.5	5.1	4.5	2.7	1.8	1.5	1.8
France	8.0	3.5	3.4	3.2	2.4	2.1	1.7	1.8	2.0	1.1
Italy	12.1	6.3	6.5	6.3	5.3	4.6	4.1	5.2	3.9	1.9
United Kingdom	7.6	5.9	8.1	6.8	4.7	3.0	2.4	2.8	2.9	2.7
Canada	6.6	5.0	4.8	5.6	1.5	1.8	0.2	2.2	1.6	1.6
Other advanced economies	10.6	5.8	6.7	6.3	4.9	4.1	4.1	3.7	3.3	2.7
Memorandum										
Industrial countries	6.3	4.4	5.0	4.5	3.4	2.9	2.3	2.4	2.3	2.0
European Union	7.5	4.7	5.4	5.1	4.5	3.8	3.0	2.9	2.5	1.9

	1979-88	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
Newly industrialized Asian economies	7.4	5.8	7.1	7.5	5.9	4.6	5.6	4.6	4.3	3.7

Em 1981, a economia saltou de uma contração no ano anterior para uma taxa recorde de crescimento do PIB de 6,6%, e a inflação caiu para a metade em relação ao ano anterior. O déficit em conta corrente teve uma redução de US\$ 0,7 bi, ajudado pelo acréscimo de US\$ 3,5 bi em exportações de commodities e queda do desemprego.

Este progresso foi contínuo pelo resto da década. O PIB real cresceu de 1982 a 1988 a uma média de 10,5% ao ano e a inflação nos setores de consumo se apresentou bem abaixo de 5% ao ano após 1982. A conta corrente voltou a ser superavitária em 1986, atingindo o patamar de US\$ 14,2 bi em 1988. Durante esse período, a economia gerou cerca de 2,8 milhões de novos empregos e a taxa de desemprego caiu para 2,5% em 1988.

A expansão da economia coreana foi acompanhada de dramáticas mudanças na sua estrutura. Entre 1962 e 1988, os setores de mineração e de manufatura cresceram mais rapidamente do que o setor agrícola. Como consequência, a porção relativa à agricultura no PIB reduziu de 37% em 1962 para 10,8% em 1988. Os setores da agricultura, florestamento e pesca responderam por 63,1% do total de empregos em 1963, mas essa estatística caiu para 19,7% em 1988. Os setores de mineração e manufatura cresceram para compor 34,4% do PIB, sendo que em 1963 estavam na marca dos 16,3%, e os empregos nesses setores aumentaram de 8,7% para 28,5% em 1988.

A composição do setor manufatureiro da Coreia também foi transformado. Durante a década de 60 e início de 70, o país baseou seu crescimento em indústrias leves produzindo calçados, têxteis e outros produtos de trabalho intensivo. Refletindo esta concentração em indústrias de trabalho intensivo, a proporção do investimento total para a manufatura cresceu devagar, de 19,3% entre 1954 e 1960, para 19,8% entre 1961 a 1972. A fração alocada para utilidades e oportunidades de transportes se elevou de 23,9% para 34,9%, com vantagens e

incentivos para empresários do setor, no sentido de poderem ter uma infra-estrutura melhor na produção e distribuição.

Na década de 70, a fração do investimento advinda das indústrias manufatureiras novamente mostrou um crescimento não tão significativo, apesar do período ser o marco do início da alavancagem para desenvolvimento da indústria pesada. Entre 1973 e 1976, o investimento no setor manufatureiro limitou-se a 20,7%, e caiu para 19,1% entre 1977 e 1981. Esses dados refletem o largo crescimento no investimento em serviços durante a década de 70. O dado de 1977/1981 também mostra os efeitos amortecidos da taxa de inflação e a recessão de 1980 no investimento produtivo. O investimento em agricultura, entretanto, cresceu para 8,8% do total realizado em 1973/1976, mas decresceu para 7,5% em 1977/1981.

Do começo ao fim do desenvolvimento coreano, o investimento do país tem excedido a capacidade própria da sua economia doméstica. Como resultado, tem-se confiado em poupanças externas para compor a diferença. A poupança externa foi equivalente a cerca de 7% do PIB na primeira metade da década de 60, se elevando para 9,3% em 1970. Desde 1986, a situação tem se revertido e o país registrou uma proporção maior de poupança em relação a investimento, numa taxa de cerca de 8% em relação ao PIB. No início da década de 60, grande parte da poupança externa adveio de ajuda norte americana, principalmente durante a fase de abundância de empréstimos concedidos. Os créditos comerciais contribuíram para que ocorresse uma “injeção” no capital coreano nas décadas de 60 e 70, compensando os déficits crônicos. Os Estados Unidos e o Japão foram os responsáveis pelo maior empréstimo público e privado para a Coreia durante esse período.

Como o país ganhou uma avaliação de crédito favorável, afluíram crescentemente empréstimos bancários, emissão de títulos e outras fontes de capital. Em 1985, os capitais de longo prazo excederam os de curto prazo pela primeira vez.

A inevitável consequência para a dependência de poupança externa foi a acumulação de um grande déficit externo. No final de 1985, o país devia US\$ 46,8 bi para credores estrangeiros, se constituindo no quarto maior devedor do mundo. Não obstante, o déficit externo começou a diminuir em 1986 e o país foi se endividando de maneira auto-suficiente, financiando investimentos. Reduziu déficits externos

gradualmente e acumulou ativos estrangeiros através da promoção de exportações e investimentos no setor ultramarino.

Investimento estrangeiro na Coreia do Sul se constituiu numa pequena fração da afluência do capital nas décadas de 60 e 70. No entanto, a liberalização do investimento e a performance econômica atraíram um crescente nível de investidores durante a década de 80. Em 1989, o investimento estrangeiro totalizou US\$ 1,09 mi.

A expansão das exportações coreanas tem se excedido desde 1961. Entre 1961 e 1993, as exportações aumentaram de US\$ 60 mi para US\$ 82,2 bi, constituindo-se numa das mais altas taxas de crescimento. Similarmente, como o país tem se desenvolvido e sua sociedade sofisticou-se, as importações se elevaram de US\$ 400 mi em 1961 para US\$ 83,3 bi em 1993.

A composição das exportações reflete ambas as origens da indústria leve do crescimento coreano e os efeitos do programa de desenvolvimento das indústrias pesada e química. A categoria de maior exportação em 1991, foi a de têxteis, mantendo a posição predominante por anos. Produtos eletrônicos constituíram a categoria de segunda maior exportação, seguidos por maquinaria, automóveis, calçados e ferro e aço. Um item de exportação particularmente promissor tem sido o de automóveis. Neste período, carros coreanos são vendidos principalmente no Canadá e nos Estados Unidos.

Os Estados Unidos tem sido por muitos anos, o maior comprador dos produtos coreanos, sendo responsável por 35,3% das exportações da Coreia do Sul em 1988. O Japão segue com 19,8% e a Comunidade Europeia com 13,4%. As indústrias coreanas continuaram a diversificar seus mercados e tiveram marcas significantes de vendas para Canadá, Hong Kong, Austrália, América Latina e Centro-Leste. Este último, em particular, tornou-se um mercado valioso para os commodities coreanos durante a década de 70, mas o declínio nos preços do petróleo nesse período cortou oportunidades para exportadores coreanos.

Por causa da ausência de recursos naturais, petróleo e matérias-primas, cria-se a dependência de importá-las. Como consequência, elas respondem por mais da metade do total de importações. Em 1988, por exemplo, a Coreia importou US\$ 3,7 bi de petróleo e US\$ 24,2 bi de outras matérias-primas, além do resto das importações

contabilizarem US\$ 51,8 bi. Outros itens de maior importação incluem equipamentos de transporte, particularmente navios e aeronaves, maquinaria e produtos elétricos e eletrônicos. A indústria de maquinaria se desenvolveu rapidamente, mas firmas coreanas precisam ainda importar maquinários altamente sofisticados ou especializados.

O país também continua um importador de grãos. Em 1970, de uma média de US\$ 500 mi por ano, as importações de grãos se elevaram para US\$ 2,1 bi em 1981. Em 1988, o país gastou US\$ 1,7 bi em grãos importados.

O Japão foi o mais importante supridor de importados em 1988, com produtos japoneses constituindo 30,7% do total de importações. A proximidade geográfica com esse país tem dado aos produtores uma vantagem em vendas, transferências e serviços no mercado coreano. Os Estados Unidos, com oferta de matérias-primas e bens de capital sofisticados para a Coreia, representam uma fração de 24,6% do mercado de importações coreanas em 1988. Outros significativos exportadores para a Coreia são as nações produtoras de petróleo do Centro-Leste e Sudeste Asiático, bem como Austrália, uma fonte de grãos e carvão. Firmas européias têm uma pequena e favorável preferência de mercado par a Coreia do Sul, provendo cerca de somente 11,7% das importações em 1988.

2 - SEGUNDO CAPÍTULO: A INDUSTRIALIZAÇÃO.

Neste capítulo será apresentada no início, uma interpretação sobre o milagre asiático, e em seguida, serão expostas outras interpretações sobre o paradigma coreano.

Crescimento anual do PIB per capita	
(Em % - 1965 - 1995 e 1994)	
Os Quatro Tigres	6,6
Hong Kong	5,6
Coréia	7,2
Cingapura	7,2
Taiwan	6,2
China	5,6
Sudeste da Ásia	3,9
Indonésia	4,7
Malásia	4,8
Filipinas	1,2
Taiilândia	4,8
Ásia do Sul	1,9
Bangladesh	1,6
Índia	2,2
Paquistão	1,6
Sri Lanka	2,3
OCDE	2,1
América Latina	0,9
África subsaariana	0,2

Segundo a tabela acima, de 1965 a 1995, a renda per capita aumentou mais de sete vezes nos quatro “tigres” asiáticos, tendo de quadruplicado no Sudeste Asiático e na China. Como pontos em comum à esses países, encontramos o rápido crescimento de suas exportações, políticas fiscais prudentes, altos níveis de poupança, políticas de incentivo à alfabetização e educação básica, políticas para a agricultura e realizaram uma rápida transição em direção a taxas baixas de crescimento populacional. Portanto, são países que se desenvolveram de maneira bem particular, se comparados à outros países em desenvolvimento.

Geralmente, os países em desenvolvimento estão muito defasados em relação aos países mais avançados na adoção de novas tecnologias industriais e de

serviços. A infra-estrutura é precária, pesquisa e desenvolvimento estão aquém do padrão mundial e são empregados principalmente para dar suporte à adoção de tecnologias já testadas em economias avançadas. As teorias sobre desenvolvimento dos últimos cinquenta anos deram três tipos de respostas

A primeira foi a doutrina do “big push” segundo a qual o Estado precisa fazer um grande esforço e atacar simultaneamente todas as áreas de apoio, fazendo investimentos físicos em larga escala em infra-estrutura, indústria básica e pesquisa e desenvolvimento, assim como promover as mudanças institucionais e legais.

Exemplos desse pensamento estão no esforço stalinista de rápida industrialização, da década de 1930 e o Grande Salto Para Frente da China, nos anos 1958/61.

A segunda idéia é a doutrina da “substituição de importações” ou “proteção à indústria nascente”, que sustenta que a indústria precisa de um tempo para se igualar aos concorrentes estrangeiros. Mas essa proteção teve um efeito perverso: empresas nacionais em pequenos mercados nunca chegam a operar numa escala em que seja possível superar as vantagens de custos das estrangeiras, e adotam uma postura acomodaticia ao longo do tempo, passando a depender de favores governamentais e a ficarem defasadas na adoção de novas tecnologias.

A terceira doutrina, que segundo Radelet & Sachs, exemplifica melhor o paradigma asiático, foi apropriadamente denominada pelo economista japonês Kaname Akamatsu, nos anos 30, de “modelo dos gansos voadores”. Os países avançam gradativamente em seu desenvolvimento tecnológico ao adotar os padrões que estão um pouco à sua frente no processo de desenvolvimento. Nesse sentido, a Coreia e Taiwan assumiram a liderança no setor de têxteis e confecções, antes ocupada pelo Japão, à medida que este último se movia para setores de tecnologia mais sofisticada como a eletrônica, o transporte e outros bens de capital. Cerca de uma década mais tarde, Coreia e Taiwan encontravam-se preparados para mudar de patamar, passando a fabricar produtos eletroeletrônicos e autopeças, enquanto as indústrias têxteis e de confecções instalavam-se na Indonésia, na Tailândia e no Vietnã.

De certa maneira, o modelo dos “gansos voadores” pode ser visto como o resultado natural das forças de mercado: economias com mão-de-obra abundante e pouco capital serão internacionalmente competitivas em setores intensivos em mão-de-obra (um exemplo é a indústria têxtil) e estarão preparadas para ingressar em setores capital-intensivos, ou intensivos em mão-de-obra especializada, na medida em que a poupança e a educação ampliarem a disponibilidade de capital e de trabalhadores especializados. Mas além disso, é preciso mais do que mercados. Mesmo os produtos mais simples fabricados com mão-de-obra intensiva (confeções, calçados, montagem de eletrônicos) fazem parte de uma sofisticada divisão de trabalho, cada vez mais determinada por empresas multinacionais e projetos tecnológicos criados nas economias avançadas. O objetivo é trazer empresas multinacionais e sua tecnologia para as economias mais pobres para vincular estas últimas às forças propulsoras de crescimento das economias avançadas.

Assim, se a instituição paradigmática do “big push” foi a estatização da indústria, e a da substituição de importações foi a empresa privada sustentada pelo protecionismo, para o modelo de desenvolvimento dos “gansos voadores” ela é a plataforma de exportação¹. Os governos sustentaram instituições de apoio às zonas de plataforma de exportação com políticas macroeconômicas que reforçavam os incentivos às exportações de produtos intensivos em mão-de-obra, especialmente via taxas de câmbio.

A estratégia da plataforma de exportação teve início com a indústria têxtil e as confeções, mas realmente tomou impulso com a indústria eletroeletrônica. Com o surgimento da indústria de semicondutores, empresas como Hewlett-Packard, a Texas Instruments, a National Semiconductor e outras logo perceberam que mesmo em setores de alta tecnologia eram utilizados vários processos que empregavam tecnologias pouco sofisticadas, como por exemplo a montagem de chips. Os líderes do

1 A idéia por detrás da plataforma de exportação é criar uma economia de enclave, receptiva ao investidor externo e integrada à economia global, sem os problemas de infra-estrutura, segurança, estado de direito e políticas comerciais que afetam o resto da economia. Os governos asiáticos introduziram uma série de variações da plataforma de exportação, inclusive zonas de processamento de exportações (ZPE), armazéns alfandegados, zonas econômicas especiais e sistemas de “drawback” (crédito fiscal em razão de impostos pagos sobre a importação de mercadorias a serem reexportadas).

novo setor começaram, então, a procurar locais onde a mão-de-obra é barata para realizar as partes menos sofisticadas do processo produtivo.

Os avanços da informática aumentaram enormemente o elenco de alternativas para a produção em plataformas de exportação. Projetos e fabricação feitos com a assistência de computadores permitem que instruções digitalizadas para desenho, corte de tecido e outras especificações técnicas sejam enviadas dos escritórios centrais de engenharia para os locais de produção por linhas telefônicas. A redução dos custos de transporte, com o uso da informática e a diminuição do tempo de espera nos portos de embarque e desembarque com o uso de contêineres, também facilitou a terceirização da produção.

Os primeiros escolhidos para a produção em função de sua mão-de-obra barata encontravam-se no “quintal” dos EUA. A Texas Instruments começou a produzir em El Salvador, só tendo saído em meados dos anos 1980, com a intensificação da instabilidade política e do antiamericanismo. Hong Kong era um candidato mais viável: estável, mão-de-obra barata e sob controle político e legislação britânicos. O sucesso precoce de Hong Kong, na década de 1950, foi aproveitado por seus vizinhos como Taiwan e Coréia, e depois por Cingapura, em 1965, e pela Malásia, no início dos anos 70. Os países do Sudeste Asiático começaram a competir por empresas da indústria eletrônica, negligenciadas ou rejeitadas nas Antilhas, no México, na América Central e em outros lugares. Por volta de 1975, o leste da Ásia empregava praticamente 95% de todos os trabalhadores empregados na montagem de eletrônicos em empresas “offshore”. Em meados de 1970, países pobres do Leste Asiático entravam na revolução eletrônica mundial, enquanto a América Latina, Europa Central e a África sub-saariana ficaram para trás.

Inicialmente, as ZPE (zonas de plataforma de exportação)², com seus armazéns alfandegados e sistemas de “drawback” responderam pela maior parte das exportações de manufaturados das economias dos tigres do Leste Asiático, mas também serviram de modelo a outros países. Na Coréia do Sul, foi dada maior ênfase às joint ventures e ao licenciamento de tecnologias do que a investimentos

² Chesnais apresenta o processo das ZPE na ótica microeconômica em seu livro “Mundialização do Capital”, SP, 1994.

estrangeiros nas ZPE. Mas o modelo básico era o mesmo, segundo Radelet & Sachs, a produção nacional era associada à tecnologia mundial, por meio da participação direta de empresas estrangeiras

Os “gansos voadores” do Leste Asiático entraram na espiral ascendente da produção mundial de eletrônicos, que os ajudou a permanecer na trilha do rápido crescimento econômico por mais de quinze anos.

Composição das exportações asiáticas					
(Em % - 1970 e 1994)					
Economia	Ano	Produtos primários	Têxteis e outros intensivos em mão-de-obra	Eletroeletrônicos e máquinas	Outras manufaturas
Indonésia	1970	98,6	0,2	0,0	1,2
	1994	60,7	22,8	4,8	11,7
Malásia	1970	94,7	0,9	1,0	3,4
	1994	29,4	8,3	44,4	17,9
Cingapura	1970	71,2	6,8	8,0	14,0
	1994	17,1	4,9	57,7	20,3
Coréia do Sul	1970	39,2	6,3	18,9	18,9
	1994	22,2	34,5	35,2	35,2
Tailândia	1970	94,0	1,4	0,1	4,5
	1994	31,1	23,8	27,7	17,4

A tabela acima realça a significativa mudança na composição de bens exportados: de “commodities” para indústrias intensivas em mão-de-obra, entre elas a têxtil e a de confecções, mas principalmente componentes eletroeletrônicos e máquinas. Pode-se verificar que foi a substituição de importações, e não os incentivos às exportações, a chave para o sucesso da Ásia Oriental. Radelet & Sachs afirmam que a Coréia e, em menor escala, Taiwan, Indonésia e Malásia associaram a estratégia de incentivo às exportações à substituição de importações. A Coréia fez um enorme esforço para estimular a indústria pesada, como a siderurgia e a química, por meio de barreiras protecionistas. Mas os setores protegidos, em geral, desempenharam um papel menor no sucesso das exportações e não se tornaram os seus campeões. O “boom” da indústria de eletroeletrônicos da economia coreana não se apoiou na indústria de aço nem na indústria química.

A hipótese básica da teoria dos “gansos voadores” postula que a sofisticação da produção nacional é gradativa, evoluindo de patamar em patamar. Há críticos da estratégia de exportação de produtos intensivos em mão-de-obra que consideram um caminho sem progresso. É certo que afirmem que as ZPE não garantem, por si mesmas, uma base sólida para se galgar mais um degrau da escada. Mas os primeiros países do Leste Asiático, os “Tigres”, graduados na plataforma de exportação - Hong Kong, Coréia do Sul, Cingapura e Taiwan - foram todos capazes de desenvolver níveis mais altos de tecnologia e sofisticação, tipicamente continuando a depender de joint ventures e alianças estratégicas com empresas multinacionais mais sofisticadas.

Feita uma apresentação, de modo geral, acerca do milagre da região asiática, será exposto em diante a interpretação do paradigma coreano e suas particularidades segundo alguns autores.

Nos países de industrialização tardia, segundo Amsden, a intervenção estatal teve uma participação de peso, por meio de deliberados subsídios para distorcer preços relativos, estimulando o nível de atividade econômica. Mais adiante se verá que no caso coreano, essa particularidade relativa à participação estatal foi bem marcante.

A intervenção estatal esteve presente no caso da Coréia, Japão, Taiwan, Brasil, Índia e Turquia. Nos caso da Coréia, Japão e Taiwan, em troca de subsídios o Estado impôs um padrão de performance nas empresas privadas. Esses subsídios se colocavam dentro de uma relação de reciprocidade. Às empresas que apresentassem maior disciplina, eram dados subsídios e proteção eram mais generosos.

Abaixo do Estado, o agente de expansão nos países de industrialização tardia estava a moderna empresa industrial.

Na Coréia, a moderna empresa industrial teve a forma de conglomerados de negócios diversificados, os *chaebol*, cujo tamanho e diversidade eram similares àqueles *zaibatsu*, os quais eram os grandes grupos de negócios no Japão pré-guerra. É importante ressaltar que no caso da Coréia, esses conglomerados foram particularmente grandes. O tamanho dos *chaebol* e sua ampla diversificação em linhas de produtos permitiram sua sobrevivência pelo percalços da industrialização

tardia, a penetrar no mercado externo e a suplantando a necessidade de que as empresas multinacionais se encarregassem de grandes investimentos em determinadas indústrias.

Os engenheiros assalariados foram uma importante figura na industrialização coreana por causa da sua competência como transferidores de tecnologia estrangeira.

Os engenheiros assalariados tiveram uma performance específica no caso da Coreia, por causa do investimento pesado que a sociedade direcionou para a educação do nível primário para cima, no sentido de que representaram uma importante classe instruída que contribuiu significativamente para formar a base da competitividade, efetivando elevados índices de produtividades.

Quanto aos trabalhadores do setor industrial, constituíram-se numa força de trabalho bem educada em comparação com países desenvolvidos. Os salários dessa classe trabalhadora têm sofrido uma pressão contrária à um crescimento rápido por uma conspiração de forças: repressão política, uma oferta ilimitada de trabalho, uma ausência de oportunidades internacionais de migração. A força de trabalho coreana é considerada produtiva, é utilizada numa das mais longas semanas de trabalho no mundo. Apesar disso, a autora vê a taxa de salário real coreana numa direção de crescimento excessivo em relação as taxas de países que sofreram as primeiras revoluções industriais. Essa alta média de salário real tem sido um fator indutivo para que se adquira mais capacidade tecnológica. Ademais, a força de trabalho coreana é altamente segmentada, assim como o Japão, pois tem uma das maiores dispersões de salário da manufatura entre o setor industrial leve e o pesado.

O Estado na Coreia marcou pesadamente sua contribuição na expansão econômica por meio de criação de distorções de preços e por meio de suas relações com os *chaebols*. Segundo a autora, havia uma disciplina exercida por parte do Estado no sentido de fornecer estímulos e incentivos aos *chaebols* em troca de performance estipulada. Àqueles que não atingissem a meta de performance, eram penalizados. A meta estipulada implicava em targets de exportação.

O Governo atuava também no sistema financeiro, controlando bancos comerciais.

A disciplina exercida pelo governo coreano chegou a limitar o número de possíveis firmas entrantes em determinados setores. Além disso, o Estado determinava o que, quando, e quanto seria produzido em decisões de investimento.

Os investidores tinham suas remessas de capital controladas. A legislação de 1960 estipulou que no caso de uma ilegalidade em remessas para o exterior _ caso de transferência de mais de US\$ 1 mi _ era aplicável uma punição com uma sentença de no mínimo dez anos em prisão, e de no máximo, uma sentença de morte!

Segundo Canuto (1994, pág. 105), se comparado à América Latina, houve baixa participação de investimentos diretos externos. Na economia coreana, os investimentos diretos eram compostos prioritariamente por estrangeiros, circunscritos em atividades de exportação de produtos manufaturados leves e de “montagem não-qualificada” da metal-mecânica, prevalecendo relações sob o formato de joint ventures.

A proximidade com o Japão estabeleceu uma inserção internacional à base de mão-de-obra de baixo custo de início, para posteriormente transitar para produtos intensivos em tecnologia e mão-de-obra qualificada. O aprendizado tecnológico local teve uma contribuição marcante no paradigma, verificado na constituição rápida de capacidades tecnológicas locais de fabricação e a instauração de processos de “aprendizado reverso” quanto às capacidades de investimento e em alguns casos, de inovação³.

Foi importante o comércio triangular com EUA e Japão. Na primeira metade da década, a economia americana constituiu-se no grande escoadouro externo para a Coreia. E o Japão foi o ofertante de bens de capital e de máquinas e equipamentos.

Dentro da linha dos “gansos voadores”, reforça-se o papel do Japão como “puxador” da revoada. Na década de 70, em virtude dos seus saldos comerciais

³ Canuto, 1994, pág. 76.

com seus principais parceiros, das pressões protecionistas nesses mercados e do baixo desemprego, o Japão colocou-se, para suas grandes empresas, a funcionalidade estratégica de uma transferência de produtos ou atividades de “segunda linha” da metal-mecânica para áreas circunvizinhas. No repasse de tecnologia para firmas coreanas, continuariam a lucrar indiretamente via componentes, equipamentos e licenciamento de itens mais nobres.

A partir de 1985, acelerou-se a substituição de produtos japoneses por coreanos, fazendo com que a complementaridade, pelo lado japonês, se aproximasse de seu limite. A valorização do iene em cima do won sul-coreano no período de 1985/87, o rápido aprendizado tecnológico das firmas coreanas, bem como o protecionismo mais acentuado sobre o Japão, abriram várias oportunidades de expansão para os *chaebols*. É importante frisar também o esforço local de investimentos e de aprendizado tecnológico em direção à menor dependência tecnológica do exterior⁴.

⁴ Maiores detalhes acerca do aprendizado rápido e “reverso” coreano ver in Canuto, 1994, pág. 125.

3 - TERCEIRO CAPÍTULO: MUDANÇA DE PARADIGMA?

Pela própria performance positiva da economia coreana, Canuto (Canuto, 1994, pág. 124) apontava uma mudança relativa ao ritmo de crescimento econômico. O autor tinha a preocupação sobre o papel dos EUA como principal fonte dinamizadora das exportações coreanas se manter, bem como do Japão. Assim como a expectativa em relação às estratégias dos *chaebols* de se unirem em joint ventures com firmas estrangeiras para manter suas posições competitivas (ressalta-se aí a necessidade contínua da alavancagem financeira, de início devido ao rápido aprendizado, e ao longo do tempo, devido à necessidade de se atualizar tecnologicamente). Sobre o grande tamanho e diversificação, características dos grandes conglomerados, verificou-se pelo estudo feito pelo autor que a diversificação situava-se em setores próximos. Esse presente trabalho coloca também a preocupação em relação ao grau de agilidade dos *chaebols* de reagirem no caso de retração desses mercados. Devido às condições de trabalho com elevadas jornadas e segmentações no tocante a salários Canuto previa tendências de pressões populares sobre reformas.

Em relação ao milagre asiático, Krugman já previa a insustentabilidade do crescimento (Krugman, 1995, pág. 91) por se basear em grande parte em pesados gastos em investimento ao invés de na elevação da produtividade. Baseado em estudos empíricos, foi concluído que o rápido crescimento da região foi denominado tanto pela elevação da produtividade quanto pelo aumento dos investimentos de capital. Na medida em que o crescimento é impulsionado pela acumulação de capital, em vez de por ganhos de produtividade, a produtividade marginal do capital provavelmente irá declinar quando o estoque de capital aumentar, ou seja, à medida que o capital por trabalhador, nas economias asiáticas, alcançar o mesmo nível das economias ocidentais (Radelet & Sachs, 1997, pág.5). Basear-se somente sob esse indicador, segundo Radelet & Sachs, não se constitui uma previsão satisfatória sobre o provável ritmo de desaceleração do crescimento. *Ceteris paribus*, as taxas de crescimento econômico tendem a cair gradativamente ao longo das décadas, à medida que a renda dos países em desenvolvimento se aproxima da renda per capita dos EUA (atualmente em torno de US\$ 27 mil). Um país com um quarto do nível de renda dos Estados

Unidos experimenta uma taxa de crescimento em torno de 2,8% acima da taxa americana. Se os EUA registram um crescimento per capita de cerca de 2% ao ano, um país com renda per capita de US\$ 7 mil (o caso da Tailândia) poderá ter um crescimento per capita de quase 4,8% ao ano, o equivalente a um crescimento total do PIB de 6,5 a 7,0% ao ano. O próprio Japão (que já foi considerado um país que rapidamente superaria os níveis de renda dos EUA), evidenciou essa diminuição gradativa do crescimento à medida que o sucesso econômico o levou a um estreitamento da diferença de renda com os EUA.

Além disso, o crescimento também depende das políticas, da geografia e da demografia. Assim, mudanças demográficas sustentaram um alto nível de poupança e rápido crescimento no passado, à medida que as taxas decrescentes de fertilidade levaram a uma crescente participação de trabalhadores na população. Apesar de que no futuro, o envelhecimento das populações na Ásia vai pressionar os sistemas de aposentadoria e de seguro de saúde pública, desacelerando o crescimento econômico.

Do ponto de vista da região, o “milagre” constituiu-se do fato de vários governos, beneficiando-se da experiência anterior do Japão e dos outros, a partir de 1960, terem sido capazes de criar um ambiente econômico favorável a investimentos privados lucrativos (com significativa participação de parceiros internacionais), apesar das sérias deficiências em suas condições políticas e econômicas de modo geral.

Voltando a centralizar a discussão na crise, a situação coreana comporta tanto elementos particulares ao modelo de desenvolvimento quanto a elementos inerentes ao sistema financeiro da região como um todo.

Começando pelo sistema financeiro, a região como um todo atrelou as suas moedas ao dólar americano na década de 1990, apesar de seu comércio não depender apenas do mercado americano mas também dos mercados europeu e asiático (com o Japão desempenhando um papel fundamental). De meados de 1995 em diante, o dólar americano começou a se valorizar acentuadamente ante o iene e ante as mais fortes moedas européias como o marco alemão, o franco suíço e a peseta espanhola. Dessa forma, as moedas do Sudeste Asiático também sofreram uma acentuada valorização em relação ao iene, às moedas européias e a algumas outras moedas. Eram

necessários 3,5 ienes para comprar um bath tailandês em maio de 1995; em maio de 1997, às vésperas da crise cambial, a taxa era de 4,6 ienes representando uma valorização de 31%. Ou seja, os exportadores do Sudeste Asiático estavam deixando de ser competitivos nos mercados europeu e japonês. Enfrentavam também uma forte competição da China, que havia desvalorizado o yuan em janeiro de 1994.

Todos os países do Sudeste Asiático atraíram importantes investimentos de capital estrangeiro na década de 1990. E grande parte desses investimentos teve o efeito de aumentar o potencial exportador, dando assim um forte impulso ao crescimento a longo prazo. Em meados dos anos 1990 contudo, uma crescente parcela dos fluxos externos parece ter se dirigido para investimentos especulativos no mercado imobiliário. A partir da desregulamentação do mercado financeiro em muitos países, os bancos comerciais passaram a tomar emprestado dólares no exterior para repassar os recursos, em moeda nacional, aos empreendedores imobiliários da região. Dessa maneira, os bancos expuseram-se ao risco de uma desvalorização cambial, já que o valor de tais empréstimos iria cair em relação ao valor dos empréstimos tomados em dólar. Mesmo quando o empréstimo doméstico dirigido ao mercado imobiliário era feito em dólar os bancos corriam riscos, uma vez que os empreendedores imobiliários nacionais não seriam capazes de honrar os empréstimos tomados em dólar na eventualidade de um enfraquecimento da moeda nacional. Os regimes de taxa cambial atrelada ao dólar tornavam os bancos confiantes para assumirem tais riscos. Assim, quando o mercado imobiliário enfraqueceu, em 1996, e as moedas foram desvalorizadas, em 1997, os bancos foram atingidos por um duplo infortúnio de empréstimos não honrados, e muitos enfrentaram a insolvência. A crise dos bancos foi agravada, especialmente na Tailândia, por níveis inadequados de capital bancário e fiscalização ineficiente.

Segundo Krugman (1998, pág. 92), nesse aspecto financeiro, os intermediadores financeiros tinham excessivos passivos com uma garantia implícita do governo, não sendo regulamentados e sujeitos a sérios problemas de dano moral⁵.

⁵ Krugman, 1998, pág. 93.

Canuto vai apontar como elementos de ordem da crise de confiança: a fragilidade financeira traduzida na carregada especulação de instituições com ativos de baixa liquidez e débitos a curto prazo, e a vulnerabilidade diante de desvalorizações cambiais, em parte devido a desajustes que refletiam a ociosidade de capacidade produtiva dos *chaebols*, e à proporção de endividamento em dólar na super-alavancagem.

Desde meados do começo do ano, a Coréia tem tomado medidas, objetivando reformar sua estrutura industrial e tem anunciado sua preocupação em relação à legislação trabalhista, esta última como forma de acalmar ânimos exaltados, pois com a prioridade direcionada para sistemas financeiros, o resultado é a recessão econômica e demissões em massa serão constantes.

No início do mês de dezembro, anunciou-se na mídia a elevação do nível de reservas externas coreanas, promovendo a maior alta da Bolsa de Seul (de 7,8%), desde maio de 1995. O aumento deve-se particularmente à reestruturação feita pelo Governo com os *chaebols*. Nesse sentido, investidores compraram em 10/12/1998, US\$ 87 mi em ações de companhias ligadas aos grandes conglomerados. É uma forma de “sanar” a grande estrutura dos conglomerados e fazer com que sejam mais eficientes e especializados. Como reação positiva, a Coréia tem conquistado a “solidariedade” financeira internacional por meio de ajustes e empréstimos concedidos pelo FMI.

Não somente esse fator é importante como meio de garantir uma confiabilidade internacional e evitar crises financeiras a curto prazo. Como também a preocupação em encarar o desafio da Coréia estar frente a tendências crescentes da complexidade dos novos segmentos produtivos a incorporar e pelo lado da demanda, garantir mercados que não responderão ao mesmo ritmo da década anterior. Segundo Radelet & Sachs, há necessidade de superar os obstáculos de criar instituições governamentais e jurídicas para além da plataforma de exportação, consistentes com as necessidades de economias sofisticadas de renda elevada.

Perspectivas de crescimento				
Das economias asiáticas, 1995 - 2025, PIB per capita em relação aos EUA				
Economia	1965	1995	p/ 2025	Projeção da taxa de crescimento do PIB per capita, 1996 - 2025
<i>Os quatro Tigres</i>	17,3	72,2	98,5	2,8
Hon. Kong	30,1	98,4	116,5	2,1
Cingapura	15,9	85,2	107,0	2,5
Coréia do Sul	9,0	48,8	82,6	3,5
Taiwan	14,2	56,2	88,0	3,1
<i>China</i>	3,2	10,8	38,2	6,0
<i>Sudeste Asiático</i>	10,0	21,2	45,7	4,5
Indonésia	5,2	13,1	35,8	5,0
Malásia	14,3	36,8	71,2	3,9
Filipinas	10,7	9,4	28,5	5,3
Tailândia	9,7	25,6	47,4	3,8
<i>Sul da Ásia</i>	8,5	9,2	21,3	4,4
Bangladesh	9,9	8,5	17,2	3,9
Índia	6,5	7,8	24,4	5,5
Paquistão	7,7	7,7	18,1	4,4
Sri Lanka	10,1	12,6	25,3	3,9

Fonte: Emerging Asia: Changes and Challenges

Segundo a tabela acima, enquanto a Ásia como um todo ainda tem espaço para crescer de maneira significativa, as economias com alto nível de renda do Leste Asiático provavelmente deverão apresentar um ritmo de crescimento mais lento nos próximos 30 anos do que nos 30 anteriores, em função tanto da intensificação da utilização de capital quanto de mudanças demográficas. O Sudeste Asiático e a China, onde a renda é baixa comparada à das economias avançadas, deverão continuar apresentando taxas de crescimento semelhantes às dos últimos 30 anos, à medida que o impacto do aumento da utilização de capital for neutralizado por reformas políticas e pelo aperfeiçoamento institucional (Radelet & Sachs, 1997, pág. 5). Segundo os autores, o efeito de desaceleração econômica do envelhecimento da sociedade irá ocorrer só daqui a algumas décadas. O sul da Ásia provavelmente terá uma aceleração de sua taxa de crescimento à medida que as reformas forem aprofundadas e as mudanças demográficas favorecerem um nível elevado de poupança e um crescimento mais rápido.

A Coréia do Sul já foi “cutucada” pela China, perdendo parcelas de alguns de seus mercados mas pode aproveitar ainda um espaço de tempo, no qual a China e a Índia transitam gradualmente do socialismo para uma economia de mercado, de estruturas políticas tradicionais para aquelas necessárias ao rápido crescimento da economia, e aplicar suas reformas no sentido de se reestruturar.

A direção não aponta para uma mudança de paradigma coreano, visto que a tendência é crescente para formação de joint ventures no sentido de se manter atualizada tecnologicamente e poder assegurar mercados ocidentais. O empenho exportador tem presença marcante na economia coreana por meio da cultura enraizada do aprendizado e mesmo em meio à sua posição na “revoada dos gansos”. Entre o Japão e os Tigrinhos, o custo seria muito elevado caso quisesse tomar outra trajetória.

Seguramente, o ritmo irá decrescer nos próximos anos como verificado pela tabela acima, e dificuldades num cenário de recessão não vão faltar frente às necessidades de reforma de infra-estrutura e social, bem como acomodações dos anseios de modernização e de consumo. É difícil nesse trabalho prever condições de uma volta de um Japão surpreendente e que acelere o ritmo da “revoada dos gansos”, mas caso a volta da sua economia aquecida fosse possível de ser prevista, poderia se apontar uma recuperação mais rápida do crescimento da economia coreana, visto que turbulências financeiras estariam mais asseguradas na região. Infelizmente, ainda assim, reformas custariam algumas perdas do ritmo do crescimento da Coréia.

BIBLIOGRAFIA

AMSDEN, A. (1982) - “Crecimiento y Estabilización in Corea - 1962 - 1984”, in El Trimestre Económico, vol LV(3), número 219, jul/set(pág. 465-522)

BUSINESS WEEK (1996) - número 3488-818, dez. 2.

CANUTO, O . “Processos de industrialização tardia: o paradigma da Coréia do Sul”, tese de doutorado, Campinas, IE/Unicamp, 1991.

_____. “Brasil e Coréia do Sul: os descaminhos da industrialização tardia”, São Paulo: Nobel,1994.

CHESNAIS, F. “A Mundialização do Capital”, SP, 1994.

FUNABASHI, Y. (1994) - “A Asianização da Ásia”, in Política Externa, vol.2, número 4, março-abril-maio.

IMF, “World Economic Outlook”, Washington, December 1997.

KRUGMAN, P. (1995) - “O Mito do Milagre Asiático”, in Política Externa, vol. 3, número 4, março.

_____.”O que aconteceu à Ásia?”, in Política Externa, vol. 6, número 4, março 1998.

LEAL, J. P. G. (1992) - “Brasil e Coréia do Sul: Dinamismo das Inserções no Comércio Internacional de Manufaturas - 1981/1988”, tese de mestrado, Campinas, IE/Unicamp.

MAHBUBANI, K. (1992) - “ Desenvolvimento Econômico do Extremo Oriente: A Maré Montante”, in Política Externa, vol. 1, número 2, setembro.

OCDE ECONOMIC SURVEYS, “Korea”, França, 1996.

RADELET, S. & SACHS - “O Ressurgimento da Ásia”. In Foreign Affairs (Gazeta Mercantil), nov/1997.

SAREL, M., “Growth in East Asia”, in Economic Issues, IMF, Washington, 1996.

SOON, CHO, “The Dynamics of Korean Economic Development”, in Institute for International Economics, Washington, 1994.

THE WORLD BANK (1993) - “The East Asian Miracle”, Washington.

THE ECONOMIST (1997) - “ The Asian Miracle: Is it over?”, Mar. 1.

Sites da Internet:

- Homepage sobre a crise asiática:
www.stern.nyu.edu/~nroubini/asia/AsiaHomepage.html
- Homepage sobre dados econômicos: www.mic.go.kr
- Homepage da UNCTAD: www.unicc.org